

# Malan prepara a sua "Nó Górdio"

12-11-86

por Carlos Cardoso, da AIM

Em Maio de 1970, o exército colonial português lançou a sua maior operação de sempre em Moçambique: 50 mil soldados — incluindo unidades especiais — atacaram a FRELIMO, principalmente na província de Cabo Delgado, que faz fronteira com a Tanzânia.

A operação tinha o nome de código «Nó Górdio».

Olhando para esses dias, há a tomar em conta um ponto crucial. Uma outra operação havia sido lançada pouco mais de um ano antes. A 3 de Fevereiro de 1969, morreu em Dar-es-Salaam o fundador e Presidente da FRELIMO, Eduardo Mondlane, assassinado por uma encomenda-bomba enviada por agentes do colonialismo.

A «Nó Górdio» não se seguiu imediatamente após o assassinato de Mondlane. Porquê?

As autoridades coloniais esperavam que, sem Mondlane, as contradições sérias no seio da Direcção da Frente, naquela altura, crisessem uma situação de tal instabilidade interna que a FRELIMO se desintegraria em pequenas e inconsequentes facções.

Assim não aconteceu. As contradições e clivagens sérias que existiam não fizeram ruir a FRELIMO. Tirada esta conclusão, o General Kaulza de Arriaga e a restante chefia militar colonial desencadearam a «Nó Górdio».

Hoje, os moçambicanos olham para o Ministro da Defesa da África do Sul, General Magnus Malan, como o Kaulza de Arriaga sul-africano. E perguntam-se: estará Malan a preparar a sua «Nó Górdio» contra Moçambique?

Há indicações preocupantes de Moçambique ter ainda que atravessar uma «Nó Górdio» de Malan.

O Presidente Samora Machel morreu a 19 de Outubro. Ainda a notícia espantava o mundo e já os órgãos de informação sul-africanos mais próximos do Governo de Pieter Botha lançavam uma autêntica campanha sobre uma eventual «luta pelo poder» encarnada no seio da Direcção da Frelimo. Tratava-se de prognosticar, como realidade, o desejo das autoridades da Pretória.

A substituição de Samora Machel por Joaquim Chissano deu-se rapidamente após o funeral do malogrado Presidente. E o Comité Central da Frelimo elegeu Chissano por aclamação. Isto irá, concerteza, preocupar a facção militarista do «apartheid», isto, e outro factor: o nível de organização e mobilização das instituições partidárias, estatais e não oficiais entre a morte de Samora e o seu funeral foi, a todos os níveis, notável, mesmo tendo em conta a ajuda solidária de Angola, do

Zimbabwe e de outros países, poucos Estados conseguiriam, nas condições difíceis de Moçambique, fazer o que Moçambique fez: receber condignamente 180 delegações, entre as quais as de 16 Chefes de Estado ou de Governo.

A rápida e não turbulenta sucessão de Samora, Malan e os restantes chefes militares de Pretória vão juntar outros considerando, nomeadamente, se val haver continuação do trabalho iniciado por Samora na adequação das Forças Armadas de Moçambique (FAPM) à presente fase de luta. Se Pretória sentir que esse trabalho prossegue e dá resultado, Malan irá concertar pensar em escalar a agressão.

A morte de Samora Machel foi antecedida por toda uma campanha dirigida por Malan contra ele, e por um outro fenómeno: em fins de Setembro, precisamente quando o enviado malawiano John Tembo se encontrava em Maputo, as chefias militares sul-africanas desencadearam uma autêntica invasão das províncias da Zambézia e Tete por milhares de bandidos armados vindos do Malawi.

Faça ao vigor com que a Linha da Frente lançara o seu ultimato a Banda, no dia 11 de Setembro em Blantyre, Pretória agiu.

Das informações provenientes dessas duas províncias, e da Sofala, pode-se deduzir que há duas direcções na acção de Pretória: por um lado, tentar manter o Malawi como sua ponta de lança no coração da África Austral — os bandidos ainda estão a vir de lá e para lá regressam quando precisam de recuar. Por outro lado, Pretória está a tentar criar bases para os bandidos na Zona-Centro e Centro-Norte de Moçambique, com um sistema de ligações até ao mar, a fim de garantir, no futuro, a rota marítima para fornecimento de armas e munições ao seu exército de bandidos.

Se Malan não conseguir fazer isso, enveredará pela «Nó Górdio»: um ataque directo pelas suas forças armadas em grande escala contra o sul de Moçambique, juntando a isso alguns contingentes a partir do Malawi, no norte de Moçambique.

A «Casa Banana» — principal base dos bandidos armados no distrito de Gorongosa — foi tomada por forças conjuntas moçambicano-zimbabueanas em 1985. O Malawi, já anteriormente utilizado como plataforma para ataques de bandidos contra Moçambique, surgiu como segunda «Casa Banana». A terceira, para Pretória, é ainda um projecto: ao longo do Zambeze, com um cordão sanitário de bases e acampamentos em toda a zona Centro-Norte.

Tal como aconteceu com a «Nó Górdio» de Kaulza de Arriaga, também Malan já lançou operações preliminares. Ao longo da fronteira sul-africana com as províncias moçambicanas de Maputo e Gaza estão concentradas forças especiais sul-africanas, normalmente utilizadas em operações de intervenção rápida. Caso venham a ser utilizadas no sul de Moçambique dentro das próximas semanas, é de crer que o objectivo táctico de Pretória seja impedir que as Forças Armadas de Moçambique e do Zimbabwe se concentrem nas operações em Sofala, Tete e Zambézia, a fim de consolidarem as posições dos bandidos naquela zona, e então poder Pretória limpar as mãos do Malawi.

Um outro factor importante é o conjunto de ameaças de Malan, desde a morte de Samora Machel, algumas das quais viradas contra a Zâmbia e o Zimbabwe. São ameaças que se coadunam perfeitamente com a desestabilização generalizada prevista por Malan como prelúdio da sua «Nó Górdio».

Aqui é importante referir duas coisas. Por um lado, já é público o facto de a África do Sul estar a treinar bandidos armados zambianos na Namíbia, para infiltrar na Zâmbia, momentaneamente a partir de bases da UNITA em Angola. Por outro lado, notícias ainda não confirmadas dão conta da existência de cinco mil «desidentes» zimbabueanos no norte do Transvaal, prontos para entrarem no Zimbabwe. Seria uma forma de atrair tropas zimbabueanas para fora do terreno de operações em Moçambique.

Portanto, uma «Nó Górdio» sul-africana, embora dirigida fundamentalmente contra Moçambique, inclui operações militares em vários outros países da África Austral.

Como disse no princípio, a «Nó Górdio» de Kaulza foi a maior operação militar colonial em Moçambique. Foi também o princípio do fim do colonialismo português. Cercada, a FRELIMO entrou em combate com uma vitalidade nunca antes demonstrada.

Um dia, não há muitos anos, um veterano da FRELIMO contou-nos que foi a «Nó Górdio» que deu aos comandantes da FRELIMO o espírito combativo necessário para fazer face às unidades especiais, altamente treinadas, do exército português.

Até à «Nó Górdio», disse ele, muitos comandantes pensavam sempre numa coisa: queriam ver a bandeira da FRELIMO subir no mastro em Lourenço Marques e, por isso, não davam tudo o que podiam nos combates. Uma vez cercados, e sem hipóteses de fuga, revelaram uma coragem e uma combatividade que os

surpreendeu a si próprios e aos portugueses. A essência desses dias repetiu-se hoje.

E Malan já conseguiu fazer duas coisas, muito negativas, para ele: a unidade da Linha da Frente em torno de Moçambique manifestar-se hoje com vigor nunca antes visto e a várias países dispostos a virem em auxílio da Linha da Frente se tal for necessário.

Para já, a morte de Samora Machel parece ter posto termo a alguns obstáculos de ordem política na zona, quem foi a Moçambique após o funeral de Samora foi uma delegação zimbabueana, chefiada pelo Vice-Primeiro-Ministro Simon Muzenda, e não uma delegação moçambicana. Há uma razão estratégica de fundo para uma mudança de alianças: em Moçambique joga-se o futuro de toda a África Austral. Assim sendo, nenhum país da Linha da Frente deixará de acelar apoios militares devido à cor ideológica da frente.

Parece haver duas maneiras de fazer face aos preparativos de Malan.

Por um lado, a unidade dos exércitos da Linha da Frente, apolados de fora da região, possivelmente pela URSS e Índia.

Ou, então, o Ocidente — principalmente os EUA — decide de uma vez por todas pôr um travão às aventuras militaristas de Malan, ameaçando sem equívocos o Governo sul-africano ou desencadeando um bloqueio militar à África do Sul.

De uma coisa estamos certos: a morte de Samora Machel não foi objectivo final de Pretória. Foi, isso sim, um elemento crucial dentro de um plano mais vasto de generalização de desestabilização na zona que facilitaria a sua desanexação política. Desagregada, a zona estaria «pronta» para Malan entrar com o seu exército como força especificadora.

Em trabalhos anteriores temos escrito que a base do poder político de Malan e dos restantes chefes militares sul-africanos é a desestabilização dos países da zona. Sem o comando de exércitos de bandidos, esses generais perderiam o poder político em Pretória, ficariam politicamente desamparados.

Na sua lógica, portanto, é necessário manter um cordão de desestabilização permanente dentro e fora da África do Sul, onde já está em construção o futuro exército de bandidos armados composto por «vigilantes», unidades de polícias brutas e as unidades militares do «Inkhata» de (Gatsha Buthelez).

Para manter esta desestabilização, Malan e os seus colegas têm que eliminar todos os líderes que sejam factor de estabilidade, (dias antes da morte de Samora Machel correu o boato de que já tinha morrido; na mesma altura, um comando sul-africano tentava matar Mugabe).

Faça a esta história da desestabilização, e faça o facto de Samora Machel estar morto, é lógico que o mundo se pergunte: o que vai acontecer a Nelson Mandela?